

# Carta

Marcus Eduardo

Rio de Janeiro, 30 de novembro de 2017.

Cara professora Lívia.

Fiquei muito contente com a possibilidade de escrever uma carta como trabalho final do III Curso estudos Afro-Brasileiros e Socioeducação - “Ampliando nossos olhares sobre Movimentos Antirracistas”. Desde o primeiro encontro, com a exibição do filme, “O lá e o aqui” sobre a percepção de estudantes Africanos em relação ao mito da democracia racial brasileira, senti que o curso me demandaria uma sobrecarga emocional muito grande, lembrei de situações vividas no dia a dia, do racismo cotidiano que muitas vezes me fez mesmo questionar se não era paranoia minha, mania de perseguição ou coisa assim. Mas muito cedo minha mãe negra, cozinheira de Estaleiro, me perguntaria quantas crianças iguais a mim havia na sala de aula? Ela formularia essa pergunta, pois eu era bolsista de um Colégio particular, um Colégio onde ela já sabia qual seria a minha resposta... “\_Na minha sala só tem eu mãe...”. “\_Só tem você pretinho assim?...” “ \_É mãe...” É então ela desfiava o Rosário, Rosário de como deveria ser meu comportamento e eu seguia. “Estude mais, seja o melhor, o mais educado, nunca vá sujo ou fale alto, peça desculpas mesmo se estiver certo, corte bem baixinho esse cabelo, documento no bolso, a gente é preto meu filho, tem que andar bem direitinho, saber se comportar”.

As roupas que usávamos na nossa religião eram secas em um varal escondido, atrás de casa, num lugar onde os olhos dos vizinhos não alcançassem e pudessem ver. “Não precisa ninguém saber isso filho, isso é uma herança nossa, uma coisa nossa”, “Não precisa ninguém saber que você é de Candomblé filho, bota o Fio de Contas no bolso e vai pra Escola, que Òssalá te abençoe”, “Às vezes meu filho, as pessoas não entendem, a gente tem de compreender”. E assim fui sendo educado a ser negro, e, que por ser negro, eu deveria ter um comportamento que fosse diferente dos outros, era como de certo modo se eu fosse natural, se agisse normalmente, poderiam perceber minha negrura e aí sim seria mal tratado, mas se eu me comportasse bem, se eu conseguisse ser o melhor, então eu teria de ser tratado igualmente, ser o melhor para mostrar aos outros que eu não era diferente, que eu não era inferior, meus primeiros anos na Escola foram assim...Os outros também...Sempre bolsista, sempre com a pressão de ter de ser melhor. Pedro Paulo Soares, poeta negro brasileiro, conhecido como Mano Brown, trata da questão de crescer com essa pressão em sua vida no poema “Negro Drama” e Frantz Fanon no seu livro “Pele negra máscaras brancas” também nos convida a pensar na dor de ser negro quando diz: “ Por mais dolorosa que possa ser esta constatação, somos obrigados a fazê-la: para o negro, há apenas um destino. E ele é branco.” E quantas manobras emocionais e práticas mirabolantes um homem negro tem de fazer para se comportar de um modo que o faça ser aceito numa sociedade em que vigora um sistema racista? Se: “O belo, o bom, o justo e o verdadeiro são brancos” Se: “O branco é, foi e continua sendo a manifestação do Espírito, da Idéia, da Razão.” Se: “O branco, a brancura, são os únicos artífices e legítimos herdeiros do progresso e

## Seção Treinel

desenvolvimento do homem.” Se eu vivo em uma constituição social em que “eles são a cultura, a civilização, em ultima palavra a humanidade.”

Que tipo de música eu posso ouvir? Qual a religião eu devo professar? O que será o que eu posso usar enquanto vestimenta para não ser “confundido” com “a descrição do elemento marginal” e me tornar mais um “caso isolado” de violência no imaginário popular e policialesco? E tendo em vista o fato de que eu nunca alcançarei a condição de branco, a branquitude que traz em si mesma o salvo conduto social, levando-se em consideração que mesmo sendo o tempo todo instado a obter tal condição e padrão de comportamento, fico a pensar quanta auto violência se faz necessária para burlar o racismo que há nessas situações e na frustração desta dualidade.

Ouvi também em outra aula que “o corpo negro é passível de todas as atrocidades” e fiquei perplexo com a dificuldade que algumas pessoas têm em entender que oito meninos pretos, mortos queimados e mais dezenas com sequelas permanentes é muito menos grave quando acontece numa Unidade do DEGASE do que seria se acontecesse-se em um Colégio como o São Bento, por exemplo.

Quem são os meninos e meninas que trancamos diariamente nas celas de nossas Unidades e que vão ser minados de todas as suas esperanças de romper com as doenças sociais e vicissitudes malfazejas com que convivem desde a primeira infância, serão negros? Serão ainda em sua maioria herdeiros das mazelas históricas do último país a abolir a escravidão no mundo? Como grupos de quatorze, quinze, vinte homens controlam os números estratosféricos de meninos e meninas em nossas Unidades? Mãos para trás, cabeças baixas e raspadas, refeitórios lotados onde os meninos têm de sentar em bancos de cimento, em cima de sua mão esquerda para que caibam mais meninos sentados? Viaturas lotadas, celas lotadas? E não me permito o subterfúgio e eufemismo de chamar nossas celas de alojamentos. Estão acabando com a esperança e com a vida da juventude negra brasileira e o nosso Órgão faz parte da engrenagem que mói carne negra no nosso Estado. Violência será esse o nosso único caminho? A nossa única pedagogia? “ A violência parece-nos a pedra de toque, o núcleo central do problema a ser abordado. Ser negro é ser violentado de forma contínua e cruel sem pausa ou repouso” Será diferente disso o tratamento dado ao menino negro interno no DEGASE? Quem são os nossos meninos? Serão eles os filhos das favelas, das vielas e becos onde se finaliza o tráfico de drogas? São eles os traficantes? Ou seriam pequenos varejistas do grande e milionário esquema do verdadeiro tráfico e guerra as drogas? Seria a “guerra as drogas” uma desculpa para se matar homens negros de ambos os lados da “guerra”? Termino o curso com mais questionamentos do que quando comecei, termino o curso mais consciente e com a certeza de que iniciativas como essas são mais profícuas do que cursos com spray de pimenta ou coisas parecidas, termino o curso levando comigo Fanon, Malcon, Angela Davis, Lélia Gonzalez e muitos mais, termino o curso com mais três livros sobre o tema para ler e com o sentimento de que sempre fui ativista sem saber.

Atenciosamente, Marcus Eduardo.